



TEXTIL

ÓRGÃO DE UNIDADE DA CLASSE TÊXTIL

ORGANIZEMOS E AMPLIEMOS A LUTA POR AUMENTO DE SALÁRIOS

A classe têxtil é das mais mal pagas e das mais exploradas no nosso país. Disto têm exacto conhecimento o ministro das Corporações e os outros ministros do governo, os delegados do I.N.T., o patronato têxtil e os dirigentes sindicais da classe. Sabem-no todos igualmente que com salários de 18000 a 30000 diários e sujeitos a descontos de 7 por cento, não incluindo multas e as semanas incompletas, é impossível viver-se uma vida modesta. Por isso a miséria que reina nos lares dos trabalhadores têxteis, e que envolve cerca de meio milhão de pessoas, é sancionada pelo governo, pelo I.N.T., pelo patronato têxtil e pelos homens que estão à frente dos sindicatos da classe.

Em 1952, há 8 anos, safu o último despacho de salários mínimos para os trabalhadores têxteis, em consequência das acções então desenvolvidas junto do governo, do INT, do patronato e dos sindicatos. Embora esse despacho não correspondesse às reivindicações então apresentadas, ele foi, contudo, uma vitória da nossa classe.

Durante estes 8 anos o custo da vida agravou-se brutalmente. Os nossos salários, que já não correspondiam ao custo da vida em 1952, hoje são extremamente baixos para poderem atender às mais elementares necessidades da alimentação, do vestuário e da habitação. Entretanto, neste mesmo período, aumentaram o número de teares com que trabalhamos, exigiram-nos mais produtividade isto é, mais esforços físicos e elevou-se a nossa responsabilidade profissional sem que nos fosse dada uma remuneração compensadora. Ao mesmo tempo aumentaram os lucros do patronato têxtil, fundamentalmente na base da exploração desenfreada de que somos vítimas e dos roubos, das multas e dos castigos que frequentemente nos são aplicados.

Ao longo destes 8 anos jamais deixámos de reclamar com justiça um aumento de salários.

Ultimamente têm-se realizado várias acções da nossa classe que mostram que estamos no bom caminho. Assim, em Outubro de 1959 os nos-

(continua na pág.º 2)

Greve vitoriosa dos têxteis de Ronfe

Houve uma greve vitoriosa na fábrica BARBOSA & MELO de Ronfe. Os nossos companheiros desta empresa paralizaram o trabalho durante três dias, exigindo que fosse revogada a medida que lhes exigia que passassem a trabalhar com 4 teares, em vez de 2, como o vinham fazendo.

A 22 de Junho o engenheiro comunicou aos 300 trabalhadores da firma Barbosa & Melo esta determinação. Estes, numa esplêndida manifestação de Unidade foram todos em massa à gerência afirmar que não

trabalhariam com 4 teares.

Um «amarelo», que se ofereceu à direcção da empresa para trabalhar com os 4 teares, foi sovoado pelas mulheres.

A gerência, perante a firme atitude do pessoal, mandou chamar a GNR, para obrigar os trabalhadores a recomecerem o trabalho, mas os operários e operárias recusaram-se a aceder às ameaças. A PIDE foi igualmente chamada, mas o pessoal conservou a mesma firmeza e unidade. Não se deixou intimidar.

(continua na pág.º 2)

Saudação

aos mineiros de A'justrel

Foi com entusiasmo e emoção que a classe têxtil teve conhecimento da vossa luta heroica por aumento de salários. A vossa coragem e a vossa unidade servirão como exemplo aos trabalhadores da indústria têxtil. Nós vos saudamos com espírito fraterno. Em frente, camaradas mineiros!

LUTEMOS CONTRA o aumento dos teares

Há vários anos que o patronato nos impõe ritmos intensos de produção, obrigando-nos a trabalhar com mais teares, pois deste modo ele aumenta a lucra de cada ano e traz à classe têxtil desastrosas condições de vida, forçando-a a um esforço desumano, que não é recompensado e que se transforma num motivo de fadiga constante e de graves doenças, que não têm condições para tratar.

O aumento sem réstima de teares vem intensificar a exploração dos trabalhadores e contribui para lancar no desemprego os têxteis dispensados do trabalho nas fábricas, porque cada um dos que fica é obrigado a trabalhar com os teares que eles deviam ocupar.

É o exemplo, por exemplo na FÁBRICA LIONESA, onde se vem procedendo à substituição dos antigos teares por 200 teares automáticos. Faltam apenas 80 para dar cumprimento a esta medida. Mas o que sucede lá? As tecelagens, que ganhavam 180 por metro de seda com 2 teares antes, passaram a ganhar com 8 teares automáticos e recebem 300 por cada metro de seda. Vários operários e operárias foram despedidos e os que ficaram trabalham mais e ganham menos. Entretanto muitos têm-se ido embora porque na fábrica reinam, hoje, o castigo e a multa, a falta e o direito, pelos motivos mais fúteis, ou sem motivo.

Exploração semelhante regista-se noutras empresas. Na FÁBRICA MARINHOS estão a ganhar 3000, trabalhando com 6 teares, na FÁBRICA CIRNE ganham o mesmo salário, mas trabalham com 10 teares.

A luta da classe têxtil contra o aumento dos teares é bem a prova da consciência que vamos tomando da exploração que se abate sobre nós, com a introdução de novos métodos de produtividade.

Assim não demonstram várias lutas travadas na FÁBRICA DOS INGLESES, da FÁBRICA DA HORA, na FÁBRICA DO FERRO em FALE e mais recentemente a vitoriosa luta dos têxteis de RONFE, DA FÁBRICA COELHO & LIMA em PEVIDEM e outras.

Na FÁBRICA DO SAIGUEIROS um grupo de operários, que foram chamados ao escritório para assinar um documento em que declarava aceitarem o trabalho com 10 teares automáticos a vez de 6, recusaram uma tal proposta, alegando que o aumento de 2650 para 3000 não recompensava de modo nenhum o esforço que teriam de fazer.

Se os grandes industriais querem aumentar a produção e renovar os processos técnicos que a não foram a custa da exploração e da miséria da classe têxtil.

Devemos exigir que em vez do esforço brutal que nos querem impôr, os teares se

(continua na pág.º 2)

FORMAS DE EXPLORAÇÃO NA TÊXTIL

A exploração na FÁBRICA AGOSTINHO DA SILVA AREIAS, em COVAS, é verdadeiramente escandalosa. Há revistadeiras de obras que entram às seis horas da manhã e saem às 12; entram às 13 e saem às 17, entram às 18 e saem às 22! 14 horas de trabalho para ganharem um salário de miséria!

Nos acabamentos entram à mesma hora da manhã e saem às 20 horas! O guarda faz serviço até às 24 horas, mas depois dessa hora continua a trabalhar como fogueiro numa caldeira!

Na FÁBRICA CAVALINHO o pessoal está a trabalhar com 2 teares, mas em vez de trabalhar 8 horas trabalha 10 horas por dia pelo mesmo salário.

Na FÁBRICA DO CASTANHEIRO o mestre continua a castigar as mulheres caneleiras com multas pesadíssimas, que atingem sempre dias de trabalho.

Deste modo a empresa que reaver os gastos que faz com o desgaste do material e obriga, por este facto as operárias a pagar-lhes as canelas e com lucro.

Na FÁBRICA DA CHAFARICA o patrão quer que os operários trabalhem 10 horas por dia, com 3 teares — 2 de chumbaria e 1 liso — recebendo apenas 22\$50.

Contra esta exploração o pessoal tem reagido e não assina o recibo

com aquele salário e o patrão já tem, por esse facto castigado alguns operários. A estas descaradas formas de exploração temos de opor a nossa unidade e a nossa luta.

Greve vitoriosa...

(continuação da pág.^a 1)

Por fim chegou o delegado do INT, que aconselhou o patrão a despedir os que não quisessem trabalhar com os 4 teares. Foram então alguns despedidos. Os trabalhadores, indignados com uma tal medida, protestaram com mais firmeza ainda, pararam os vidros da fábrica e não pagaram ao trabalho. Continuaram a exigir o regresso aos dois teares e a readmissão dos seus companheiros despedidos.

A sua coragem, unidade e espírito de luta conduziram-nos à vitória. O patrão foi obrigado a anular a medida que o engenheiro tinha tomado. Só assim os operários começaram o trabalho.

Esta luta traz à classe têxtil mais uma prova de que só pela acção combativa e unida, só pelo recurso a formas superiores de lutas os trabalhadores conseguem sucessos decisivos sobre aqueles que não se cansam de nos explorar e de nos roubar.

Sabíamos seguir o glorioso exemplo dos operários têxteis de Ronfe.

A luta das operárias têxteis da Salgueiros

Tal qual, como em todas as empresas têxteis, temos um único caminho a seguir: unimo-nos e lutamos.

Foi o que fizeram as 20 mulheres a quem os patrões quiseram castigar com meio dia de trabalho sem remuneração, por terem entrado 3 minutos mais tarde. Elas protestaram contra esse roubo e recusaram-se a receber a léria. Daqui resultou que os patrões se viram obrigados a pagar-lhes o dia todo.

Na semana de 19 a 25 de Junho foi pago a 20 mulheres um salário que trabalhavam de empreitada a salário de jorna, 22,50, sem prévio aviso, facto contra o qual as operárias protestaram. Na semana seguinte, sem haver de novo qualquer aviso, passaram a trabalhar de empreitada, recebendo léria de 60.000, 100.000 e 300.000. Em resposta a este roubo as operárias PARARAM O TRABALHO ATÉ QUE A QUESTÃO SE ESCLARECESSE. Mas perante a reacção do fiscal, um patife do pior quilite, que despediu duas operárias, as restantes, em vez de se manterem firmes e exigirem a readmissão das suas companheiras, pagaram ao trabalho, o que levou o patrão a não lhes pagar o que devia, embora tenha admitido as duas operárias despedidas.

O exemplo de uma atitude de firmeza foi dado por dois operários de dois salários diferentes, que trabalhando à hora foram pagos com salários de 7000 e 8000, pois pararam-nos para o trabalho de empreitada sem nada lhes dizerem. Em virtude dos seus protestos foi-lhes pago o salário devido.

Companheiras e companheiros da Salgueiros! Unimo-nos e elejamos uma comissão de unidade de nossa empresa que apaleia pela pessoal oriente a nossa luta.

RUBRICAS PARA "O TÊXTIL"

Ajuda ao Têxtil	2650
Amigo do Povo	15000
Amigo do Povo	20000
Contra a quicquilização que	
tem o desemprego	12000
G.N.	15000
Grande Via	10000
Homem dos presentes	5800
Inicia lutadora	7750
Inimigos de Salazar	3500
Inimigos de Salazar	10000
Libertação	1500
Nossa amigos do Têxtil	40000
Operários subsidiam «O Têxtil»	10000
Operários subsidiam «O Têxtil»	10000
Os quatro irmãos de luta	20000
Os que lutam pela liberdade	17500
Pela queda do fascismo	30000
Polvo V	2500
Um grupo de trabalhadores liberais	14000
R.X.	1500
Tintureira democrático	5000
Uma amiga têxtil	20000
Um têxtil	1500
Uma amiga têxtil	25000
Um grupo de trabalhadores liberais	14000
Zé Manuel	5000
Zé Manuel	5000
Vermelho	7500
TOTAL	330750

LUTEMOS CONTRA...

(continuação da pág.^a 1)

distribuídos por um maior número de operários, em vez de trabalharem com tantos teares ao mesmo tempo.

TRABALHO PARA TODOS E SALÁRIOS COMPATIVELIS COM O CUSTO DA VIDA É O QUE DEVEMOS RECLAMAR, ATRAVÉS DA NOSSA LUTA.

Organizemo e ampliemos a luta...

(continuação da pág.^a 1)

soos companheiros do Porto enviaram uma exposição com mais de 600 assinaturas ao ministro das Corporações, delegado do INT no Porto e ao sindicato, onde pediam a revisão do Contrato Colectivo com o correspondente aumento de salários para a classe. Pouco mais ou menos por essa data os nossos companheiros de Guimarães enviaram também uma exposição ao ministro na qual pediam um aumento de 50 por cento. Em Abril de 1960, os nossos colegas têxteis da CUF do Barreiro, juntamente com os seus companheiros da empresa, conseguiram, pela sua acção, ver aumentados os salários. Em Maio, novamente os nossos companheiros de Guimarães, depois de uma concentração de mais de 300 no seu sindicato, elaboraram nova exposição, onde reforçaram o seu pedido de aumento de salários, recolheram mais de 700 assinaturas e enviaram-na ao presidente da República. Pre-

sentemente em várias empresas têxteis do Minho os nossos companheiros têm-se dirigido aos patrões, colocando a necessidade de aumento de salários.

Estes exemplos devem estender-se por toda a classe. A nossa experiência e a de todos os trabalhadores do nosso país, indicam-nos que só pela luta unida e firme é possível obtermos a satisfação das nossas reivindicações. Para diminuirmos a miséria que reina nos nossos lares organizemo e ampliemos a nossa luta. Em cada fábrica têxtil elejamos comissões de Unidade, que uma vez formadas e apoiadas nos companheiros de trabalho, coordenem a sua acção à base local e regional quer junto do patronato e dos sindicatos, quer junto dos delegados do INT e do Ministro das Corporações.

Pela nossa acção unida e organizada arranquemos o aumento dos nossos salários.

○ que vai pelas empresas

OMBRO COM OMBRO LUTEMOS CONTRA A EXPLORAÇÃO E A MISÉRIA

○ patronato e aqueles que os servem querem-nos obedientes, submissos à exploração mais revoltante, à miséria, aos abusos de toda a ordem, que nos colocam, a nós, que trabalhamos e produzimos, na condição de parias a quem falta o pão, a quem se nega o direito a uma vida feliz, embora modesta.

Não se cansam de nos roubar e de nos oprimir. Uma onda de indignação sacode as nossas melhores energias. Não somos escravos amarrados por correntes. Somos operários e operários cujo trabalho a sociedade não pode dispensar. Não nos levantaremos para pôr cobro a tantos abusos, a tamanhos desaforos. Nós nos levantaremos, com os nossos irmãos de outras classes, com os metalúrgicos, os corticeiros, os conserveiros, os pescadores, os operários agrícolas, com todos os que trabalham e sofrem, para conquistarmos os nossos direitos.

Ombro com ombro, forjaremos a nossa unidade. Ombro com ombro diremos NÃO aos exploradores dos nossos braços, aos que enriquecem roubando-nos os salários, oprimindo-nos, vexando-nos, insultando-nos.

Os abusos do fiscal Malaquias

Há na Ca DE FAÇÃO E TECIDOS, em GUIMARÃES, um fiscal de nome MALAQUIAS, que já se tornou célebre pelas suas atitudes. Embeba-se, por todas as formas, em prejudicar os operários e em roubá-los.

O pagamento ao pessoal que sai às 13 só é feito por ele às 17,30, estando assim hora e meia à espera das migalhas.

O abuso de família que chega sempre no dia 13, só é pago pelo fiscal Malaquias no fim do mês e se os operários lhe vão pedir ele demora ainda mais tempo.

Com a subsídio por doença posta-se uma coisa semelhante. Os beneficiários têm de esperar que ele se resolva a entregar-lhes o dinheiro, pois é certo e sabido que, se lhe vão pedir, ele faz ainda pior. Só dá a mala dúzia e aos outros diz-lhes que voltem para a semana.

É seu hábito beber das operários que

É assim que eles

ENRIQUECEM

Na FÁBRICA LAURENTINO FÁRIA, de MOREIRA DOS CÔNEGOS, o sogro do patrão tem uma loja de mercearia. Pois o genro leva a sua prepotência sobre o pessoal a ponto de obrigar todos os operários a gastar da loja do sogro. Aquele que não queira gastar de lá só tem trabalhar 3 dias por semana. Há operários que percorrem mais de 8 quilómetros para regressarem da fábrica e aos sábados, que chova quer faça sol, têm de ir buscar os gêneros, com recibo das respectivas. Depois, carregados com o avio de uma semana, voltam a casa, deixando na loja do sogro do patrão a fêria que este acabon de lhes pagar.

Devemos aceitar uma tal situação? Não! Ela rebaixa-nos. É uma violência contra a qual devemos lutar, unidos. Se nenhum de nós for deixar o seu dinheiro a este comerciante sem escrúpulos, que ajuda a roubar o nosso salário, o patrão não ousará despir-nos.

Vamos, companheiros! Não nos deixemos vencer!

querem empregar os filhos na fábrica a quando de 50000, para que estes sejam admitidos. Outro dia um operário deu-lhe um laqueiro, para que ele lhe empregasse um filho.

O fiscal Malaquias julgou-se em terreno conquistado. Mas não terá ele um dia uma desilusão? A luta dos textos do CHAFARICA fez expulsar do fábrica o mesmo Formiga. Não terá o mesmo, também, a luta dos operários da Ca de Fação e Tecidos?

○ que se passa na
fábrica de Vila Pouca

Uma limadeira de obra, por sinal irmã do carrasco BOMBA, insistiu vivamente para receber o mês de parto a que tinha direito. O Melo, do escritório, acabou por lho dar, mas com a condição de lhe ser descontado à razão de 10\$00 por semana! E assim estão a roubar a uma operária, que nem ganha para comer, o dinheiro que lhe é devido.

PARA QUE SERVEM OS FISCALIS -

Na FÁBRICA DO ARQUINHO, tendo-se perdido uma peça de tear, a que o patrão atribui o valor de mil escudos, foi a operária castigada com uma multa de pequena importância, a descontar 20\$00 por semana e 60\$00 por mês (do abono de família).

Há tempos, nesta mesma fábrica, o patrão resolveu mudar umas mulheres de turno, mas não teve forças suficientes. Uma das que não foi escolhida, ao chegar à loja habitual à fábrica, viu-se dispensada do trabalho pelo encarregado, que a mandou regressar ao meio-dia. A operária reclamou, respondendo-lhe o encarregado grosseiramente. Indignada, esta nossa companheira foi queixar-se ao Posto de fiscalização, em Guimarães. Os fiscais resolveram ir à firma, não para solucionar o assunto, como deviam, mas para informar o patrão da queixa. Este castigou a operária, calculando-a 3 dias por semana. Isto passou-se em Janeiro e em Agosto ainda continua a 3 dias.

Outra operária que se queixou de que o patrão lhe não pagava os feriados e o período do parto, foi também castigada com 3 dias por semana, pois os senhores

**Castigos na fábrica
DO CASTANHEIRA**

Nesta Fábrica de GUIMARÃES o mestre «Falense» está a castigar as mulheres canceleiras com 2 dias de trabalho e faz descontos sobre o total que elas deviam receber. No fim da semana as operárias trabalham 6 dias, recebem 4 e descontam sobre 6. Este inimigo dos trabalhadores fez o mesmo na secção de tecelagem e já um grupo de tecelões se despediu, indo para outras empresas. Como lhe faltam tecelões está a trazer jorleiros da sua terra, a quem faz ensinar o ofício, para substituir os operários que se vão embora.

Operárias e operários da fábrica do Castanheira! Lutemos unidos contra os roubos e os castigos. A nossa união e a nossa luta são a única arma que possuímos para pôr cobro à exploração.

Fiscais lá estão muito zelosamente a defender os interesses dos patrões. É para isso que eles servem.

Roubos na Fábrica Malheiros

Além de pagar miseravelmente, o patrão desta fábrica de GUIMARÃES está a aplicar multas e castigos de 1, 2, e 3 dias de trabalho sem pagamento. Os operários que são castigados numa semana, passam, na semana seguinte, a 3 dias! Na altura do parto, as operárias são obrigadas, sob ameaça de despedimento, a assinar um recibo selado, do subsídio do parto, que não recebem, pois lhes é roubado pelo patrão.

Téxteis da fábrica Malheiros! Todos com um só unanimo-nos e lutemos. Basta de roubos! Basta de violências!

LUTAS E VITÓRIAS DOS TÊXTEIS

OPERÁRIOS DE CANIÇOS

LARGARÃO O TRABALHO

Não acreditemos que o patro nato que nos explora ou que o ministro que os serve tenham na devida conta os nossos interesses. Assim o entenderam mais de 100 operários da EMPRESA TÊXTIL DE CANIÇOS, onde os baixos salários e a exploração levaram os trabalhadores a **ABANDONAREM O TRABALHO** para irem pedir aumento de salários junto do encarregado.

O seu pedido, porém, não foi atendido, o que levou muitos a abandonar a empresa e a procurarem trabalho noutras fábricas. Os patrões, a fim de evitar a partida dos restantes, resolveram aumentar os salários aos que ficaram. Os outros regressaram, ao ter conhecimento de uma tal medida e foram também aumentados.

Embora esta luta tenha sido coroada de sucesso, os operários, em vez de abandonarem a empresa deviam ter feito novas paralizações de trabalho, para irem junto da direcção, apresentar os seus pedidos e saberem da resposta.

Os operários da indústria têxtil são vítimas de constantes injustiças, de roubos e de castigos, de uma exploração intensa que lhes arruína a saúde e os conduz a uma velhice sem amparo. Os organismos oficiais, I.N.T., sindicatos nacionais e Ministro das Corporações, nada fazem para melhorar a nossa situação, apesar dos nossos constantes pedidos e reclamações.

A experiência de inúmeras lutas mostra-nos que os operários têxteis devem seguir o caminho da acção constante contra a exploração e a miséria, junto da direcção das empresas e dos sindicatos, para forçar o patronato e os dirigentes sindicais a modificar a sua atitude e atenderem os nossos pedidos.

Sigamos o exemplo dos operários têxteis de RONFE, de GUIMARÃES, de CANIÇOS, REBORDÕES, NEGRELOS, PEVIDÉM, que se levantam contra a exploração e por melhores salários.

Criemos nas várias empresas comissões de unidade de trabalhadores que encabeçam a nossa luta por um aumento de 60 por cento dos nossos salários, por um novo contrato.

Uma vitória dos operários de Pevidém

Na **COELHO E LIMA DE PEVIDÉM**, o engenheiro, de alcunha o «Camisa Branca», de acordo com os patrões, quis obrigar o pessoal a trabalhar com 4 teares. Esta medida provocou uma reacção geral entre os trabalhadores. Eles não querem deixar-se explorar ainda mais com a introdução dos ritmos infernais de trabalho na empresa. Por este facto decidiram agitar um movimento de unidade, que reflecte a sua coragem e a sua disposição de luta. **RECU-SARAM-SE A TRABALHAR COM OS QUATRO TEARES E FORAM EM MASSA PROTESTAR JUNTO DO PATRÃO.**

A unidade de que deram provas e a posição de firmeza que tomaram, decidiram a sua vitória. **CONTINUAM A TRABALHAR COM 2 TEARES.**

OS OPERÁRIOS RECLAMAM

o pagamento do Abono

Baixos salários e miséria em casa e ainda por cima roubos no Abono de família é o que se vive na **FÁBRICA MACHADO DE ALMEIDA**, de 5. TOME (ABACOU), onde os operários desistiram para o Abono, enquanto o patrão não só não descanta, não ajuda por cima, mas não paga o Abono, ficando obrigados com ele.

Por este facto os trabalhadores desta empresa emprezaram uma acção de protesto junto da Caixa de Previdência, para que se pusesse fim a esta roubalheira.

Da sua acção e do sua unidade resultou mais uma vitória para os têxteis. O abono de família começou a ser recebido e se-lo-o, não só aqui, mas em todas as empresas onde a falta de escrúpulos lava os patrões a cometer actos desta natureza.

Impõe-se cada vez mais, que reforçemos a nossa acção e a nossa luta pela defesa dos nossos interesses, contra os roubos, as multas, os castigos, os baixos salários.

«O Têxtil saúda os operários da **COELHO E LIMA**, pela valentia com que souberam defender os seus interesses e pelo sucesso que alcançaram, e apresentam a sua luta como um exemplo que os trabalhadores têxteis devem seguir.

A LUTA DOS TÊXTEIS DE GUIMARÃES

O sindicato, que os agentes do patronato mais explorador querem transformar num centro de cavateira de dirigentes sindicais, divorciada da classe e de costas voltadas para esta, deve **TRANSFORMAR-SE NA NOSSA CASA**. Aí devemos reunir, para tratar dos nossos problemas, para fazer ouvir a nossa voz, a fim de serem resolvidos os problemas que nos preocupam.

Os nossos companheiros de Guimarães têm mostrado à classe têxtil como é possível utilizar o sindicato, para que ele seja realmente um organismo destinado à defesa dos interesses da classe e não um local vendido aos trabalhadores, como querem certos elementos que estão à frente de sindicatos têxteis.

Após várias concentrações e reuniões no sindicato de Guimarães, uma delas convocada pela Direcção, os trabalhadores elaboraram uma exposição ao Presidente da República, que em 24 horas **RECOLHEU 700 ASSINATURAS**, na qual se formula de novo o pedido de 60 por cento de aumento de salários e a elaboração de um novo contrato colectivo, dado que o último é de 1952.

A luta dos trabalhadores têxteis de Guimarães e dos operários têxteis de toda esta região fabril não

deve parar. Ela precisa de tomar formas mais largas e mais activas; junto do sindicato e das empresas, em poderosas concentrações de trabalhadores que, com a sua comissão de unidade à frente, exijam: aumento de 60 por cento de salários e novo contrato colectivo.

Novas lutas

por aumento de salários

Os operários têxteis da **FÁBRICA NARCISO MACHADO GUIMARÃES**, de **NEGRELOS** e da **FÁBRICA FIGUEIREDO & MAIA** de **REBORDÕES** lançaram-se na acção reivindicativa por aumento de salários.

Em resposta ao pedido dos trabalhadores o patrão da Narciso Machado afirmou que estava na disposição de conceder o aumento, desde que os operários passassem a trabalhar com 24 teares em vez de 16. Como é de prever os nossos companheiros recusaram a proposta.

Não deram até agora qualquer resultado as diligências feitas pelos têxteis da **FIGUEIREDO & MAIA**. Mas os operários desta empresa não desistem dos seus intentos, porque não podem viver com os salários de fome que lhes são pagos. Avante, companheiros da **NARCISO MACHADO** e da **FIGUEIREDO & MAIA!** Concentra-vos em massa diante dos escritórios dos respectivos empresários e do sindicato, para exigirdes o aumento a que tendes direito. Nomeal a vossa comissão de unidade, para que esta, com a vossa inteira aprovação, possa apresentar as vossas legítimas reivindicações.